

ESPAÇOS DIVIDIDOS E DISPUTADOS: RELAÇÕES SOCIAIS ENTRE NATIVOS E OS "DE FORA" EM GUARIBA - SP

Andréa Vettorassi *

GUARIBA: A CIDADE DAS CONTRADIÇÕES

A 50 km de Ribeirão Preto – SP, ilhada por um incontável número de plantações de cana-de-açúcar, encontra-se Guariba, uma dentre várias outras pequenas cidades, conhecidas como “cidades-dormitórios”, existentes no interior paulista¹. Uma precária rodovia de pista simples, não raro interditada por treminhões que cruzam a pista ou andam lentamente sobre ela, é o principal acesso à cidade. Há importantes usinas de cana-de-açúcar em volta de Guariba, como a São Martinho, a Bonfim e a São Carlos. Após morosa viagem, entramos enfim na pequena cidade que, para um visitante menos atento, em nada difere de tantas outras.

No entanto, há algo nela que, logo que entramos, nos chama a atenção. “Guariba tem uma entrada feia, né?”, ouvimos de uma moradora quando pela primeira vez entramos na cidade. Ela referia-se a um de seus bairros periféricos, uma espécie de “cartão de visitas”, já que se encontra em seu principal acesso. É, afinal, um indesejado cartão de visitas, pois denuncia aos olhos de quaisquer visitantes uma pobreza *relativa*, ou seja, uma desigualdade social, existente na cidade.

Referimo-nos a uma pobreza *relativa* porque Guariba não é exatamente

uma cidade pobre, e sim uma cidade desigual. Após sete ou oito quadras deste primeiro acesso, já estamos no centro guaribense, que conglera dos mais variados tamanhos e tipos de lojas de seu desenvolvido comércio. Há também neste centro uma extensa praça arborizada, sua prefeitura, a delegacia e o Fórum, além da igreja matriz de traços modernos. Mais ao sul, há um bairro muito nobre, de grandes e luxuosas casas pertencentes às classes média e alta da cidade. Carros importados dividem ruas com algumas carroças. Guariba é, assim, um universo mergulhado em luxo e miséria, em pacato interiorano e correria moderna paulista.

Quanto à sua história, Guariba se assemelha às diversas outras cidades-dormitórios que a circundam. Com o processo de modernização agrária, em ápice no final da década de 60, a civilização cafeeira existente na cidade perdeu espaço para a civilização da usina. Neste período, houve uma reestruturação espacial no campo e nas cidades. De acordo com Moraes Silva, “reestruturação não entendida somente a partir do despovoamento do campo e povoamento das cidades, mas também nos aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais” (1993: 31). Com a expansão do espaço urbano e das plantações de cana-de-açúcar, apareceram os primeiros cinturões periféricos de mi-

séria em Guariba.

Na década de 50, há um primeiro cinturão, um transbordamento significativo dos limites históricos da cidade do café. Nesta década, os primeiros migrantes nordestinos chegaram à cidade, força de trabalho para a nascente economia canavieira. Guido Garavello, empreiteiro e proprietário em Guariba, abriu um novo loteamento, o Bairro Alto, mais conhecido como João-de-Barro, porque a grande maioria de suas casas foi construída pelos migrantes nordestinos residentes no loteamento, que chegam anualmente à cidade em busca de trabalho no corte da cana. Suas casas não foram construídas da maneira tradicionalmente paulista (ou seja, “moderna”), mas com lajotas de barro, comuns nos estados nordestinos. O loteamento oferecia terrenos baratos, exageradamente parcelados e menores que os padrões vigentes. O objetivo estratégico do loteador era o de evitar a desvalorização da Vila Garavello, sua propriedade localizada mais ao centro da cidade, com uma possível ocupação dos terrenos adjacentes pelos migrantes nordestinos (Mendes, 1997: 143). Localizado na principal entrada de Guariba, o Bairro Alto é o “cartão de visitas” mencionado acima, representante das desigualdades sociais e econômicas propiciadas pela modernização das usinas de cana-de-açúcar. A infra-estrutura do

bairro é bastante precária e distinta do resto da cidade². Por ser um espaço diferenciado de todos os outros, é que o Bairro Alto pode ser considerado um campo autônomo, um espaço social marcado pelas relações sociais horizontais, como também pelas relações e lutas verticais entre as classes. Para os moradores mais antigos de Guariba, é o bairro em que vivem os “invasores”, a gente de maus costumes, violenta e responsável pela desordem urbana.

Este artigo objetiva trazer à tona, baseado na metodologia da História Oral e em dados quantitativos, os tipos de relações sociais existentes entre os guaribenses e os grupos migrantes, ambos parte fundamental da figuração social de Guariba. Percebemos, a partir das entrevistas realizadas, que estas relações não raro são permeadas por estigmas (Goffman, 1988) e violência simbólica (Bourdieu, 1989), questões que buscamos revelar neste estudo.

MIGRANTE BÓIA-FRIA: QUAL SEU PAPEL NAS CIDADES-DORMITÓRIOS?

Rosa Luxemburgo, já no início do século XX, trouxe à luz novas discussões e interpretações acerca da *reprodução do capital*, o fazendo de forma a inserir outros elementos à noção de reprodução do capital de K. Marx, vigente até o momento. De acordo com esta pensadora, o capital apenas garante os níveis de acumulação almejados quando importa força de trabalho existente em outras regiões, normalmente de economia pré-capitalista. Ou seja, o capital não consegue se reproduzir se utilizar apenas a força de trabalho existente nos limites de seu próprio espaço. Além disso, “o processo de acumulação originária não se refere somente ao início da era capitalista, mas o acompanha também nas fases de sua reprodução ampliada” (Moraes Silva, 2005: 4).

Um século mais tarde, é possível perceber que Rosa Luxemburgo foi capaz de apontar para um dos mais im-

portantes elementos existentes na reprodução do capital em sociedades de economia capitalista avançada, em tempos de um mundo cada vez mais dicotômico, dividido entre áreas de riqueza e miséria intensas. As desigualdades sociais, a riqueza de áreas capitalistas em detrimento à pobreza de áreas pré-capitalistas, são fundamentais para o desenvolvimento e reprodução do capitalismo em si.

Certamente encontramos no Brasil as mesmas relações econômicas apontadas acima e, como não poderia deixar de ser, em cidades-dormitórios como Guariba. O desenvolvimento econômico do interior de São Paulo, o mais rico estado do país, é garantido em especial a partir da produção, comercialização e exportação dos produtos originários da cana-de-açúcar, como o açúcar e o álcool. Não obstante, a economia açucareira assegura os seus altos índices de reprodução do capital utilizando-se de mão-de-obra barata, advinda de regiões pobres do país. São homens, mulheres, camponeses, originários de regiões do Brasil tais como estados nordestinos e Vale do Jequitinhonha-MG, e que por meio da migração (temporária ou permanente) deslocam-se para a região de Ribeirão Preto – SP em busca de melhores condições de vida. São, portanto, um grupo heterogêneo, que constantemente elabora novas formas de ser, ver e estar no mundo e que reformula suas condutas e valores, ao mesmo tempo em que busca fortalecer velhos laços familiares para o enfrentamento conjunto da existência. Perdedores na luta pela terra e na luta pelo emprego urbano, os bóias-frias têm sua história de vida traçada pela busca de emprego e sua identidade definida pela consciência de que são trabalhadores “sem profissão”, obrigados a aceitar condições de trabalho subumanas (D’Incao, 1983).

Quando migrante, o bóia-fria passa por um processo ainda mais profundo de redefinição de sua identidade, que é o de *desenraizamento*, efeito devastador sobre a vida do migrante, que rompe laços familiares e expressa a miséria e a

impossibilidade de sobrevivência econômica em pequenos lotes agrícolas. A vida nômade o desmoraliza e o empobrece. O trabalho contínuo durante a safra exercido pelos migrantes sazonais corresponde à ruptura com o tempo cíclico camponês existente em seus locais de origem. Em seu novo tempo cíclico, as estações do ano são substituídas pela safra e a entressafra da cana. O tempo, redefinido, vira dinheiro e é comprado e vendido (Costa, 1993). O processo de intensa ruptura só pode ser concertado com o dinheiro, o ganho acima das necessidades cotidianas, que estimula a vinda destes trabalhadores, sendo que muitos jamais voltam para os seus locais de origem. Desta forma, deixam de ser camponeses em regiões de economia pré-capitalista e tornam-se, definitivamente, *peça fundamental* para o avanço da reprodução do capital em áreas de economia capitalista consolidada. No entanto, esta “peça fundamental” nem sempre aceita a estrutura econômica a que está submetida e, no caso de Guariba, foi capaz de se rebelar contra as suas condições.

A GREVE DE GUARIBA E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

Em tempos de intensa e contínua reprodução do capital, metade da população de Guariba, em 1984, constituía-se de empregados nos canaviais, sendo que sua grande maioria era advinda de estados nordestinos e de Minas Gerais (Martins, 1996: 184). Nesta ocasião, trabalhadores do setor sucroalcooleiro, espontaneamente, levantaram-se contra as precárias condições de vida a que eram submetidos, em um regime que poderia ser considerado de semi-escravidão. Na madrugada do dia 15 de maio de 1984, em torno de 5.000 trabalhadores não subiram nos paus-de-arara em direção ao campo. No Bairro Alto, começaram as suas manifestações e, aos poucos e em volumosos grupos, marcharam para o centro da cidade riscando seus facões no asfalto, e permaneceram na praça da

igreja matriz por toda a manhã. Concomitantemente, depredaram o escritório da Sabesp (Serviço de Abastecimento de Água do Estado de São Paulo), atearam fogo em seus carros e invadiram um supermercado, de onde levaram diversos produtos alimentícios e eletrodomésticos. O aumento repentino das contas de água recém entregues pela Sabesp e os preços abusivos cobrados pelo supermercado, que não mais abria contas para os trabalhadores rurais, foram as justificativas dadas para estas ações. No entanto, a principal causa da greve foi a alteração do sistema de colheita da cana, que passou de cinco para sete ruas, o que tornaria a lida diária ainda mais penosa. Além disso, as condições dos alojamentos e do transporte eram bastante deficientes, mantendo tensas as relações entre os trabalhadores e os usineiros e seus empreiteiros. As revoltas e conflitos foram constantes, e houve a intervenção da Tropa de Choque do governo do Estado de São Paulo, como também de policiais provenientes de várias cidades vizinhas (Novaes & Alves, 2002a). É o dia de maior violência da greve: a Tropa de Choque foi acionada, a água e a luz do Bairro Alto foram cortadas, trinta homens foram feridos e um aposentado de sessenta anos, que apenas observava os acontecimentos de longe, foi morto por uma bala perdida. Já na noite deste dia, o sistema de corte da cana passa para cinco ruas. No dia 17 do mesmo mês, a greve tem fim, com um acordo que contemplou quase todas as reivindicações dos trabalhadores.

Em janeiro de 1985, uma nova greve paralisou os trabalhadores de Guariba e região. Em um momento de entressafra, em que boa parte dos trabalhadores do corte da cana estava desempregada e, conseqüentemente, instável economicamente, a *fome* foi um precioso elemento mobilizador. No entanto, esta segunda paralisação teve um caráter mais orgânico, já que houve um envolvimento de agentes políticos e de entidades sindicais. No dia 12 de janeiro de 1985,

centenas de policiais militares deram fim aos piquetes de Guariba e região. Em Guariba, houve uma verdadeira “operação de guerra”: Policiais militares foram recebidos a pedradas no Bairro Alto, ao mesmo tempo em que espancaram todos que estavam nas ruas, inclusive mulheres e idosos (Novaes & Alves, 2002b).

Pela sua abrangência, relevância e, como não poderia deixar de ser, pelo seu caráter violento, a greve de Guariba teve repercussão não só nacional, mas mundial. No entanto, atualmente é pouco lembrada pelos habitantes da cidade. Em reportagem que lembrou os vinte anos do levante, publicada na Folha de São Paulo, o então prefeito da cidade manifestou-se da seguinte forma:

“Essa é uma realidade que não gostamos de lembrar. *É uma vergonha para a cidade*. Algo bonito terminou em catástrofe, parecia uma guerra civil” [grifos meus].

De fato, nenhum *espaço*, nenhum *lugar* na cidade rememoram a greve. Nem mesmo nas escolas guaribenses há algum tipo de discussão ou comentário sobre o assunto³. Passados vinte e um anos, vestígios da greve apenas são encontrados em algumas conversas entre amigos numa esquina, ou num bar, na praça da igreja matriz, quase que aos sussurros. Vestígios encontrados em alguma sala de TV, quando a morte violenta de alguém é televisionada, e isto resgata uma memória abandonada do guaribense que, por poucos instantes, revive a famosa e esquecida greve, a para sempre maldita greve que, de acordo com o comentário popular, dificultou a conquista de emprego do guaribense e estigmatizou a cidade para sempre.

Os trabalhadores rurais em Guariba, migrantes ou não, também pouco lembram a manifestação. Timidamente, destacam as melhorias das condições trabalhistas conquistadas por ela, e nada mais⁴. Por outro lado, sabem que as tais condições de trabalho deveriam, e poderiam, ser muito melhores, mas para-

doxalmente, jamais seriam capazes de organizar nova greve. Talvez porque a reciprocidade horizontal, que há vinte e um anos atrás os impulsionou para a greve, esteja abalada e enfraquecida. O contemporâneo trabalhador rural representa muito mais a racionalidade do operariado moderno do que outros tipos de racionalidade operacionados por códigos morais e tradicionais (Thompson, 1998). Isto é ainda mais perceptível na segunda geração de migrantes, que não conviveu diretamente com o modo de vida camponês de seus pais e que, portanto, não estabeleceu sociabilidades e interdependências horizontais típicas destes grupos mais tradicionais. A sociabilidade deste “novo camponês” impede a formação de grupos solidários em busca de melhorias salariais: o medo do desemprego e do estigma que uma greve tem são muito mais fortes. E a perda de sua identidade tradicional interrompe sua capacidade de “micro-revolucionar”.

Após 1984, Guariba passou a ser reconhecida como cidade violenta e conflituosa. Uma complexa e multifacetada relação entre os “nativos” e os “de fora” ganhou força ímpar. E ser “de fora” significa muito mais que ser migrante: ser “de fora” significa não possuir lugar algum.

OS NATIVOS E OS “DE FORA”

Percebemos que, marginalizados *economicamente* pela estrutura desigual do capitalismo vigente (uma marginalidade econômica tão intensa que os impulsionou para uma violenta greve), estes homens e mulheres migrantes são também marginalizados *geograficamente*, pois para eles sobram as regiões periféricas e miseráveis das cidades que os abrigam. Dentro destas cidades, os migrantes inevitavelmente se inserem em uma terceira relação desigual, já que são também marginalizados *socialmente*. Em Guariba, grupos heterogêneos se separam entre os que chamamos de “nativos” e os “de fora”, que se diferenciam

em diversos aspectos: o primeiro grupo é constituído de brancos, o outro de negros e pardos; o primeiro é morador do centro, o outro do Bairro Alto; o primeiro é de classe média e classe média alta, o outro é de classe baixa. Todos estes elementos são resumidos em poucas palavras detentoras de estigmas: “de fora”, estranho, “do morro”, migrante, nordestino. Quando moradores do Bairro Alto e do centro da cidade de Guariba foram ouvidos, compreendemos que há uma qualidade comum compartilhada com os “de fora” que os identifica desta forma: *serem negros ou pardos*, independente de serem migrantes ou não; suas corporalidades projetam uma impressão para os nativos que torna possível uma dialética e discriminatória relação entre os dois grupos e que inclui os filhos de migrantes, já nascidos em Guariba. Utilizando-se da expressão *migrante*, o nativo mascara um preconceito de cor e de raça muito mais evidente e forte que o de naturalidade. Munido de seu alto poder de coesão, o nativo atribui ao “de fora” (migrante e, principalmente, negro ou pardo) todos os males de sua sociedade, em especial os índices de criminalidade.

Ser “de fora” é, fundamentalmente, ser migrante, ser negro ou pardo, pobre economicamente (cortador de cana) e culturalmente (ter baixo nível de escolaridade e/ou estar relacionado aos valores culturais nordestinos) e ser morador do Bairro Alto. Mas basta ter uma das características acima para ser rejeitado e estigmatizado pelo grupo nativo, detentor de uma violência simbólica “que se exerce pelo poder das palavras que negam, oprimem e destroem psicologicamente o outro” (Zaluar & Leal, 2001: 148). Segundo Bourdieu (1989), a violência simbólica é operada pelos mandatários do Estado, que possui o monopólio de uma violência simbólica legítima, o que inclui a Justiça, instituição na maior parte das vezes inacessível aos migrantes e seus descendentes. Contudo, a sociedade civil também demonstra sua capacidade de violentar simbolicamente

o outro, como fazem os nativos de Guariba. Nos “de fora” é atribuída a estigmatização do “marginal”, e a tese de que a miséria sempre gera criminalidade legitima uma violência simbólica multifacetada, que se transpõe para o mundo da violência *real*. O nativo utiliza as *di-visões* acima (de classe, cor/raça, naturalidade e etc.) para justificar a criminalidade existente na cidade e que é conhecida por todas as cidades vizinhas de Guariba. Ou seja, os nativos tomam consciência de suas posições no mundo social quando mantêm relações de força com os “de fora”, quando classificam e nomeiam o outro de acordo com o seu capital simbólico (Bourdieu, 1989), que nada mais é que as diversas propriedades que os agentes constroem para determinarem suas posições nos espaços sociais, e que só é significativo quando conhecido e reconhecido pelos outros agentes. De acordo com Bourdieu (1989: 140), quando *categorizamos* o outro (elogiamos, congratulamos, louvamos, insultamos, criticamos, censuramos ou acusamos), estamos determinando e reconhecendo *nossas próprias* posições sociais. Apenas reconhecemos a posição que ocupamos no espaço social na prática, nas relações sociais que mantemos com os outros grupos sociais e que nunca é estática ou unilateral. Assim, o nativo transfere para o “de fora” os pontos negativos existentes em sua comunidade (pobreza, criminalidade, etc.), com o intuito de preservar sua auto-identidade (*self*); é uma forma de defesa, que se baseia no ataque.

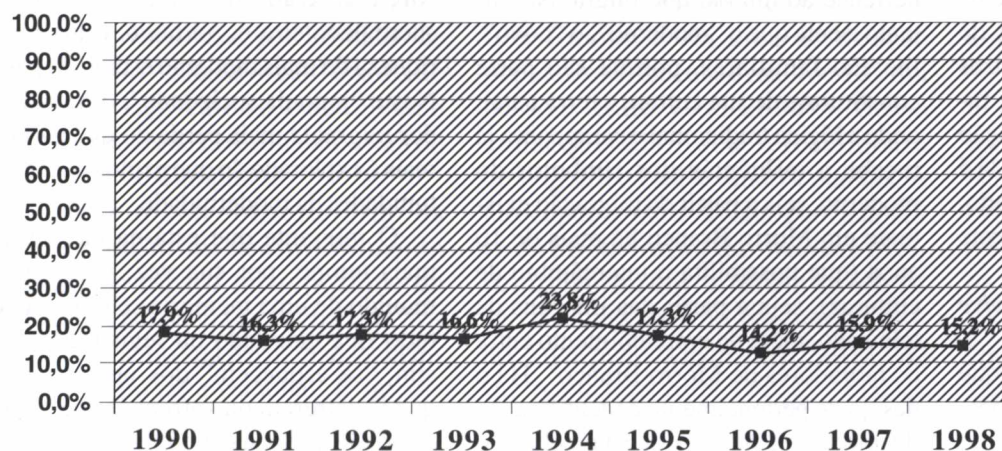
No entanto, uma pesquisa quantitativa realizada com os processos criminais da Comarca de Guariba, como também as entrevistas realizadas em especial com os migrantes do Bairro Alto, trouxeram à luz resultados (e questionamentos) quanto à relação nativos/as “de fora” e os tipos de crime em que os migrantes e seus descendentes estão envolvidos. Percebemos com esta pesquisa que o número total de processos criminais da década de 90⁵ não justifica a fama de violenta que a cidade já

recebia na época: No ano de 1990 foram registrados 571 processos criminais, um número baixo para os padrões de uma cidade com o porte de Guariba⁶. Do total neste ano, apenas 48 processos têm como réus *migrantes trabalhadores rurais ou desempregados*, um número muito menor do que o estimado pelos funcionários do Fórum (150 processos por ano envolvendo migrantes lavradores), o que indica um viés discriminatório. Ou seja, os nativos encarnam os valores da tradição e da boa sociedade, enquanto que os “de fora” estão rotineiramente relacionados à anomia, delinquência, violência e desintegração, numa espécie de “fantasia coletiva” perpetuada pelo alto potencial de *coesão* dos estabelecidos (Elias & Scotson, 2000) e, no caso de Guariba, pelo preconceito de cor e classe que denomina “migrantes” todos aqueles que são negros e pobres. Quando a porcentagem do número total de processos criminais em que os réus são migrantes em relação ao número total de processos criminais da comarca de Guariba é levantada, novas análises podem ser feitas: apenas 17,1% de todos os processos criminais da Comarca de Guariba da década de 90 têm réus migrantes (vide gráfico).

Como os dados revelam, não só a fama de violenta que a cidade carrega não tem fundamento empírico, como também a responsabilidade dada aos migrantes para os índices de criminalidade, sejam eles migrantes temporários ou os que já vivem em Guariba há mais tempo. A idéia de que Guariba é uma cidade violenta está relacionada à greve de 1984. Além disso, os dados empíricos demonstram que a conexão migração-criminalidade é apenas parte do que chamamos de uma “ideologia nativa”, baseada em falsas consciências (Marx & Engels, 1984), e de toda violência simbólica reproduzida e perpetuada por este grupo nativo.

Em contrapartida, é necessário chamar a atenção para um ponto significativo: A partir dos dados da pesquisa

Porcentagem do Número de Processos Criminais em que os Réus são Migrantes em Guariba (década de 1990)



quantitativa, foi possível determinar o número total de processos envolvendo *migrantes* porque as fichas dos réus informam sua naturalidade. No entanto, não informam a naturalidade dos pais, impossibilitando o acesso aos processos em que os réus são *filhos* de migrantes. É provável que, levando em consideração este tipo de processos, alcancemos o número estimado pelos funcionários do Fórum, que era o de 150 processos por ano envolvendo migrantes. Isto porque, como já foi discutido acima, para os moradores mais antigos da cidade todos aqueles que são negros, pobres e/ou moradores do Bairro Alto são também “migrantes”, terminologia usada para mascarar seus preconceitos, como também para hierarquizar e homogeneizar os grupos sociais. No que tange à participação da segunda e terceira geração dos migrantes nos crimes ocorridos em Guariba, de acordo com os moradores do Bairro Alto, estes estão mais envolvidos no tráfico de drogas, crime tipicamente urbano entre os que são verdadeiros “sobrantes” em todo o processo de mecanização do trabalho rural e que jamais tiveram um modo de vida camponês como o de seus pais, que passaram boa parte da vida no meio rural dos estados nordestinos.

Segundo Elias e Scotson (2000: 37), as crianças são suscetíveis à humilha-

ção, já que seus pais e todo seu grupo (sua imagem e valor) constituem uma parte vital de sua auto-imagem, sua identidade individual e sua auto-avaliação (o mesmo que ocorre com os descendentes de Guariba). As experiências afetivas e as fantasias dos indivíduos não são arbitrarias; têm uma estrutura e dinâmica próprias. Num estágio primitivo da vida (infância), podem influenciar profundamente a moldagem dos afetos e a conduta em etapas posteriores. A criança não é só afetada pela experiência dos pais, mas também pelo que os *outros* pensam e dizem sobre seus pais. Ou seja, a violência simbólica e os estigmas atribuídos aos migrantes por uma ideologia nativa podem estar ocasionando uma real violência entre a segunda e a terceira geração de migrantes, já *guaribenses natos*, no entanto marginalizados pela sociedade guaribense “nativa”.

COMO REAGEM OS “DE FORA” FRENTE AOS ESTIGMAS?

Frente aos estigmas do grupo nativo a que estão submetidos, os “de fora”, por serem um grupo heterogêneo, têm reações diversas e multifacetadas, que podem ser divididas entre três subgrupos: os “de fora” migrantes sazonais, os “de fora” migrantes estabele-

cidos em Guariba há décadas e os “de fora” pertencentes à segunda e terceira geração de migrantes.

O migrante sazonal é parte intrínseca de dois universos dialéticos, que são a sua terra de origem e a cidade de Guariba. Este migrante tem papéis sociais diferentes nos dois espaços: Ao voltar para as terras de origem, quando bem sucedido nas lavouras de cana do interior paulista, recebe um novo status, uma diferenciação social e cultural. Destaca-se em seu mundo tradicional quando se

apropria do moderno a partir de bens simbólicos e materiais⁷. Ainda no “mundo moderno” em que migrou, a relação é inversa. Os aspectos de seu cotidiano não estão absolutamente desprezados do modo de vida de sua terra natal (portanto, um modo de vida tradicional e camponês). A relação “vertical” (com os nativos) é, portanto, tensa, e é por isto que o migrante sazonal torna-se introspectivo, mantendo apenas no dia-a-dia relações “horizontais” (com o seu próximo e semelhante), seja a partir de laços de confiança e obrigações mútuas, seja nas brincadeiras ou, ainda, nas relações conflituosas, na disputa de território e espaço no trabalho, na verdadeira malha social construída e reproduzida nos corredores de cana. Neste contexto, o trabalhador migra pelo fetiche e status que a mercadoria e o papel moeda oferecem. No entanto, não se sente parte integrante do “mundo moderno”, sendo tomado pelo estranhamento e saudade de sua terra, saudade esta que é parte constituinte do homem camponês (Moraes Silva, 2001). O relato oral de Martinho, maranhense de Morro Branco⁸, negro, 25 anos e migrante sazonal há três anos porque tem o sonho de comprar uma moto, retrata estes híbridos sentimentos e modo de vida:

Você sente alguma diferença quan-

do volta [para Morro Branco, sua terra natal]?

Martinho – É, chega lá, a coisa muda, né? Às vezes uma terra que tava feia, de repente dão um trato nela [e cita outros aspectos do mundo rural onde sua família tem roça de subsistência e criação de animais]. Aqui se chama centro, lá é interior. Aqui é cidade, é tudo enlatado, tem telha, telhado, tem rua. E aqui a gente muda as “feição”.

Então você acha que aqui você vive melhor?

Martinho – Melhor, assim, porque estamos trabalhando, né, mas bom mesmo é tá na terra da gente...

Mesmo morando na choça [casas feitas de madeira e barro típicas do interior do Maranhão]?...

Martinho – Ah, é, mesmo morando na choça o bom mesmo é lá! Aqui é cidade, tem dinheiro, dá pra comprar, pra andar de tênis, mas eu sou pobre e prefiro morar na terra da gente. (Risos) Porque a gente nasce lá. Porque a gente nunca se esquece da terra que se nasceu [...]; sem família é a mesma coisa que nada.

E você acha que você mudou muito?

Martinho – Ah, eu não sei se eu mudei, mas lá, a gente sempre pensa que a gente muda, mas não. Continua o mesmo. Eles [os conterrâneos] acham que mudou, né, mas a gente não mudou nada.

E em quê eles acham que você mudou?

Martinho – É, porque chegando lá a gente volta mais danado, porque aqui a gente conversa de todos os assuntos, sobre muita coisa, muita coisa diferente, e aí eles acham que a gente voltou mais falante. [Acham que a gente volta] cheio dos critério, com a pele mais fina, mais branco... Tem gente lá que acha que a gente trabalha em escritório, porque tá com a pele mais fina, mas não, “Ih, gente, o trabalho lá é de roça”. Acham que é trabalho sério, que conseguiu, mas não, é trabalho de roça, com facão também! (risos).

Martinho, assim como outros trabalhadores maranhenses, não sente que pertence ao mundo que migra. No entanto, sente que o “moderno”, o “novo”, lhe são familiares, porque são parte constituinte de sua cultura e terra natal, onde a lógica tradicional e camponesa já recebe a influência dos símbolos do moderno, seja a partir da migração existente em Morro Branco há mais de 10 anos (que possibilita o intercâmbio de culturas), seja a partir das imagens da televisão, meio de entretenimento entre os moradores de Morro Branco⁹. Há o desejo de pertencimento e identificação do moderno, mesmo que percebam o estranhamento e a repulsa da comunidade nativa guaribense (e, portanto, moderna), que os mantêm afastados a partir das niveladoras perguntas “quanto você vale?” ou ainda “quanto você tem?”. A saudade e o desejo de regresso estão indiscutivelmente presentes, mas estes querem voltar diferentes, representantes do moderno através de seus novos pertences imbricados de valores concretos e abstratos e, sobretudo, vitoriosos no mundo metropolitano onde o ser e o viver são “para fora”, ou seja, voltados para as aparências e para o tempo que é calculado, quantitativo, egoísta. Por isto voltam mais brancos, mais fortes, como se trabalhassem em escritório, com dinheiro no bolso, “cheio dos critério”, expressões colhidas não apenas no depoimento de Martinho, mas nos relatos de outros homens e mulheres maranhenses ouvidos. O “lugar que não é da gente” também faz parte de sua formação identitária. Ter status na “nossa terra” é ter incorporado valores e símbolos do moderno. “Parecer moderno, mais do que ser moderno. A modernidade se apresenta, assim, como a máscara para ser vista. Está mais no âmbito do *ser visto* do que no *viver*” (grifos meus) (Martins, 2000: 39). Ou seja, o “viver” do camponês do interior maranhense que migra sempre será “não moderno”, ainda que sua corporalidade denuncie um hibridismo de culturas. No entanto, sua existência é indiscutivelmen-

te parte da *modernidade*, uma vez que, sob uma perspectiva econômica, sua força de trabalho sustenta o setor sucroalcooleiro e, portanto, o luxo e a riqueza do mais moderno estado do país. Neste “jogo da sociedade”, o trabalhador migrante mais perde do que ganha, mais é explorado do que explora as oportunidades da modernidade.

O migrante que está na cidade há mais tempo, por sua vez, protege-se munido de uma memória seletiva: nem tudo fica guardado ou registrado. Assim, “se esquecem” dos preconceitos que já sofreram ou sofrem (e que ainda estão tão vivos nas lembranças dos sazonais), e procuram lembrar-se dos grupos a que estão associados, que na maioria das vezes é o seu próprio bairro. Entre violências simbólicas e estigmas, o migrante vai percebendo, aos poucos, que os laços sociais que separam e hierarquizam os indivíduos podem também uni-los. Migrantes temporários continuamente sofrem e se fecham em seus universos particulares e protegidos. Migrantes permanentes já sofreram muito, mas aos poucos fazem de Guariba sua morada, e ultrapassam os limites de seus universos, que ganham as casas, as ruas e os bairros periféricos que os circundam. Aprenderam aos poucos que o modo de vida camponês, que mantinham em suas terras natais, pode também ser reproduzido na “moderna” cidade paulista, a partir de um espírito comunitário construído entre os iguais. Guariba nada mais é que diversos círculos, espaços sociais que eventualmente comunicam seus extremos (Bourdieu, 1989). Espaços sociais que quando se encontram, se misturam ou se chocam, compartilham uma repulsa, que não advém apenas do grupo nativo, mas também do grupo “de fora”. Se o nativo deseja que o “de fora” não vá ao centro (o espaço social nativo), o “de fora”, por sua vez, evita ir ao centro e prefere manter-se nos espaços sociais que considera seu por direito, como o Bairro Alto.

Mas e os filhos dos “de fora”? A se-

gunda e a terceira geração dos migrantes já nasceram em Guariba, e construíram suas identidades a partir dos modos de vida paulistas, guaribenses. Nem sempre aceitam que exista algum espaço social na cidade que não seja seu por direito, afinal, eles são parte constituinte da mesma, e nem sempre compartilharam ou presenciaram o modo de vida camponês de seus pais e avós. No entanto, são incorporados em uma mesma, injusta e contraditória relação dialética: são impreterivelmente os “de fora”, mesmo que guaribenses natos, porque são negros e pardos, pobres ou moradores do Bairro Alto. É preciso tomar consciência de que esta “ausência” de identidade entre a segunda e a terceira geração de migrantes tem sérias conseqüências, como a participação deste grupo em atos de violência, discutida acima. Assim, a ideologia nativa, que estigmatiza este grupo *anacrônico*, que não consegue fazer parte do tempo e do espaço guaribenses e que nunca é considerado “nós”, pode estar, com a sua violência simbólica, incitando uma violência real.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou chamar a atenção para os diversos aspectos da sociedade guaribense, capaz de oprimir e marginalizar os migrantes nordestinos que há décadas fazem parte de sua figuração social. Comumente conhecidos como *excluídos*, nsa verdade estão absolutamente *inseridos* nos processos de produção capitalista, como também nas relações sociais e culturais das cidades-dormitórios, onde procuram a sobrevivência. No entanto, em ambos os casos, estes trabalhadores migrantes estão em desvantagem: como já sabia Rosa Luxemburgo há pelo menos um século, para eles sobram os serviços pesados e os estigmas, típicos das sociedades capitalistas.

* **Andréa Vettorassi é mestrandanda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar e Bolsista CNPq.**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURDIEU, P.
(1989) *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel.
- COSTA, M. C. S.
(1993) “Entre o Rural e o Urbano”. In: *Travessia – Revista do Migrante*, nº 15, Janeiro-Abril.
- D’INCAO, M. C.
(1983) *Bóia-fria: acumulação e miséria*. São Paulo: Vozes.
- ELIAS, N., SCOTSON, J. L.
(2000) *Os Estabelecidos e os Outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- GOFFMAN, E.
(1988) *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4ª Edição. Rio de Janeiro: LTC.
- MARTINS, A. L.
(1996) *Guariba - 100 anos: 1895 – 1995*. São Paulo. Prefeitura Municipal de Guariba.
- MARTINS, J. S.
(2000) *A Sociabilidade do Homem Simples*. São Paulo, Hucitec.
- MARX, K; ENGELS, F.
(1984) *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Hucitec.
- MENDES, A. M.
(1997) *O Conflito Social de Guariba 1984-1985*. Dissertação (Mestrado em História) – Unesp, Franca.
- MORAES SILVA
(1993) “As Cidades dos Bóias-Frias”. In: *Travessia – Revista do Migrante*, nº 15, Janeiro-Abril.
- MORAES SILVA
(2001) “A Terra do Imaginário dos Migrantes Temporários”. In: *História Oral*, nº 4, São Paulo. P. 103-120.
- MORAES SILVA
(2005) “Contribuições Metodológicas para a Análise das Migrações”. In: DEMARTINI, Z. B. F. & TRUZZI, O. (Orgs.) *Estudos Migratórios: perspectivas metodológicas*. São Paulo: EDUFSCar.
- NOVAES, J. R., ALVES, F.
(2002a) *Guariba – 1984* (vídeo). São Paulo: FERAESP, UFRJ e UFSCar.
- NOVAES, J. R., ALVES, F.
(2002b) *A Memória em Nossas Mãos* (vídeo). São Paulo: FERAESP, UFRJ e UFSCar.
- THOMPSON, E. P.
(1998) *Costumes em Comum*. Companhia das Letras, São Paulo.
- ZALUAR, A., LEAL, M. C.
(Fevereiro de 2001) “Violência Extra e Intramuros”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 16, nº 45.

NOTAS

- 1 - Guariba tem em torno de 31.085 habitantes, de acordo com o Censo IBGE (2000).
- 2 - De acordo com os dados por setores censitários do IBGE (2000), 30% dos domicílios do Bairro “Alto” abrigam de 5 a 9 moradores. Em pelo menos 6 casas do bairro não há água canalizada. Em 3 delas não existe nenhum tipo de banheiro ou sanitário; 7 escoam seus esgotos em fossa rudimentar; 20% dos moradores com 5 anos de idade ou mais são analfabetos. Estes dados seriam ainda mais agravantes se o Censo incluísse na pesquisa os migrantes que vivem há menos de 1 ano na cidade, como também as pensões que os abrigam. São ao todo 885 pessoas residentes no Bairro “Alto”, uma média de 4 pessoas por domicílio.
- 3 - De acordo com a mesma matéria publicada no Caderno Folha Ribeirão, da Folha de São Paulo, no dia 9 de maio de 2004. Na época, a secretária da Educação de Guariba não quis se manifestar sobre a ausência do levante no currículo das escolas (p. G1).
- 4 - Dentre as melhorias, destacamos: transporte gratuito até o trabalho; fornecimento de ferramentas pelos empregadores (facão, luvas e tornozeleiras); pagamento dos dias em que não trabalham por imprevistos (como chuva); carteira assinada.
- 5 - A década de 90 foi escolhida por ter sido marcante para os migrantes de Guariba, já que é neste período que se inicia o processo de mecanização do trabalho rural e entra em vigor a Constituição de 88, que proíbe o trabalho de menores de idade no corte da cana, fato este que diminui a oferta de emprego para os jovens pertencentes em especial à segunda geração de migrantes. Além destes fatores, é neste momento que a greve de 84 está mais presente na memória da comunidade guaribense.
- 6 - No mês de julho de 2004, foram registrados na delegacia da cidade 120 termos circunstanciados (crimes de “menor potencial excessivo”, como xingamentos, por exemplo). Em Monte Alto, cidade com 10.000 habitantes a mais que Guariba e sua vizinha, foram registrados no mesmo período 174 termos circunstanciados. Destes termos, poucos se tornam inquéritos e é ainda menor o número dos que se tornam processos criminais.
- 7 - Quando por exemplo voltam de boné, “rayban” e celular, bens materiais típicos do modo de vida paulista e, portanto, do “moderno”. Aqui existe uma dupla associação do tradicional e do moderno.
- 8 - Vila do interior do Maranhão, próxima à cidade de Codó, tem intenso fluxo migratório para Guariba.
- 9 - Em Morro Branco não há água canalizada e nem asfalto nas ruas e estradas de acesso. Porém, existe energia elétrica, e na casa de “Fogoso”, único morador da cidade que já tem televisão, toda a comunidade se reúne no fim do dia para assistir à novela das 21 horas (informações colhidas através das entrevistas).